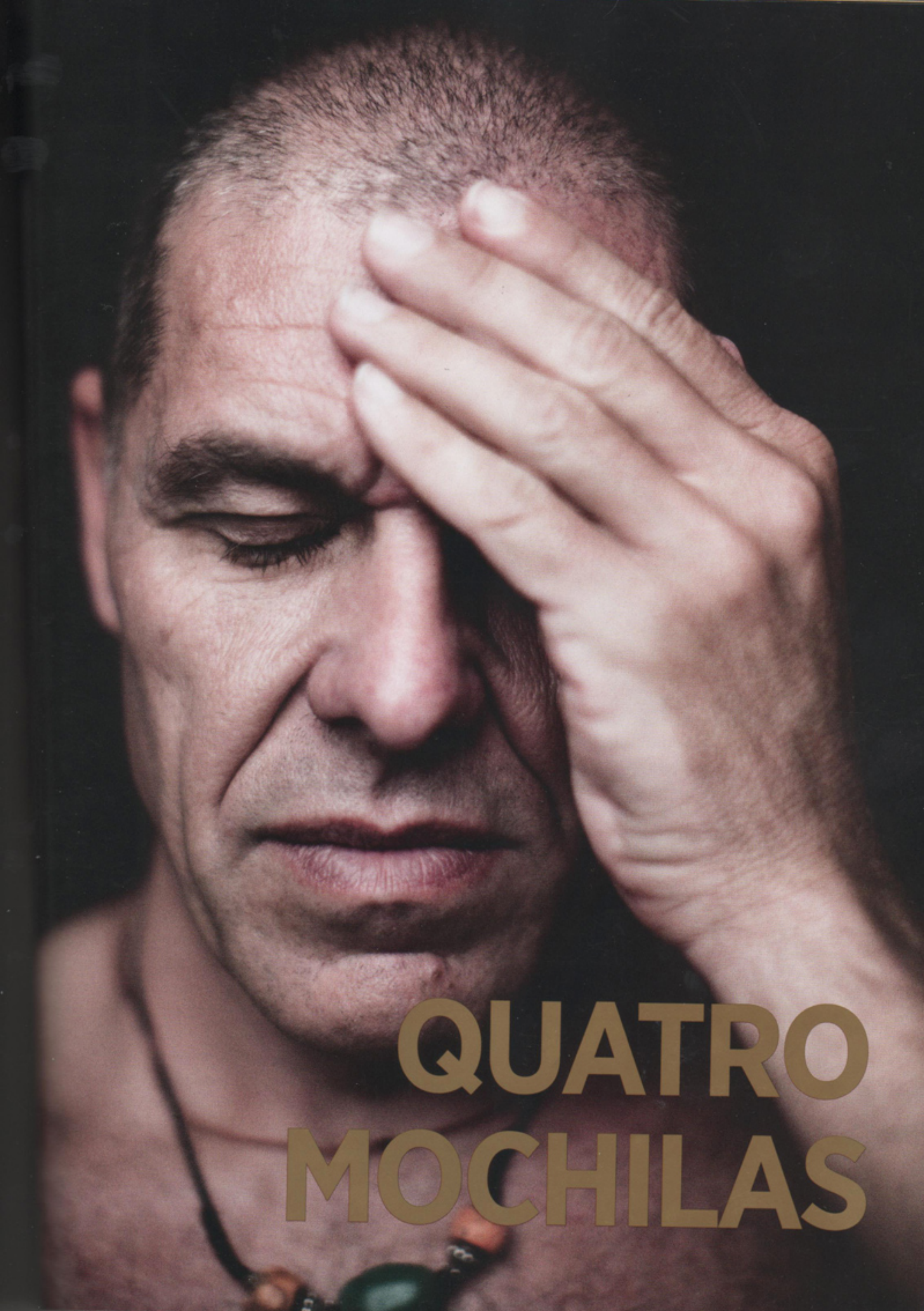


POR Ronny Hein FOTOS Felipe Hellmeister

A VIDA EM

Manoel Morgado tentou ser médico, mas virou guia de montanha. Tentou também ter um endereço fixo, mas não conseguiu. Hoje, mora no mundo e, depois de subir o Everest, está de olho na conquista do polo sul

MANOEL USA HÁ 16 ANOS COLAR TIBETANO FEITO COM DOIS CORAIS E TURQUESA. SÃO PEDRAS DE PROTEÇÃO PARA OS BUDISTAS TIBETANOS



**QUATRO
MOCHILAS**



Manoel Morgado não pode fazer nenhuma operação financeira que exija atestado de residência. O motivo é simples: ele não mora em lugar nenhum. Pousa aqui, passa uns dias acolá, acampa mais adiante e, quando possível, aceita pernoitar na casa de amigos. Não há um lugar que ele possa chamar de lar — o mais próximo disso é a casa de um amigo em Katmandu, no Nepal, onde ficam guardadas as roupas pesadas que veste para escalar montanhas muito altas. Estão lá, por exemplo, os trajes que usou em 17 de maio do ano passado, quando se tornou o sexto brasileiro (e o mais velho) a conquistar o cume do Everest (8.850 metros). Tinha, então, 53 anos e escreveu um livro sobre a experiência, mas não acredita que alguém se interesse em publicá-lo. “Deu tudo certo. O tempo estava excelente. Não tenho percalços para contar ou uma morte para lamentar”, explica a *Personnalité*, como se tivesse ido até uma esquina comprar jornal. “Quem vai querer ler um livro desses?”

De fato, olhando para suas atividades anteriores e seus projetos futuros, o Everest foi quase um trajeto cotidiano. Porque Morgado é muito mais que um montanhista. É, confessadamente, um viciado em desafios e conquistas. Em 2002, por exemplo, impôs-se uma tarefa hercúlea. Começou pedalando suaves 1.300 quilômetros entre São Paulo e Porto Alegre. Fácil. De lá, pegou um caiaque e remou por 400 quilômetros na lagoa dos Patos até chegar a Rio Grande. Moleza. Na continuação, correu oito maratonas em dias consecutivos, avançando mais 336 quilômetros. Tranquilo.



Como seu objetivo era o Pacífico, pedalou, então, outros 2.300 quilômetros entre Montevideu e Viña del Mar, no Chile. O último movimento se fez Aconcágua acima (6.962 metros) para comemorar a conquista. Louco? Não: médico. Pediatra de vocação, já se via de estetoscópio nos anos 1960, quando Dr. Kildare e Ben Casey salvavam vidas nos seriados de televisão. Talvez tivesse hoje uma clínica movimentada, não fosse o fato de terminadas a faculdade e a residência decidir ganhar o mundo num mochilão de dois anos ao lado da primeira mulher, a psicóloga Maria Antelma.

De volta, mas já indelevelmente infectado pelo *virus viajatoris*, Morgado vestiu o jaleco branco, muniu-se do material necessário e começou a atender os primeiros pacientes. E não demorou para perceber que nem Dr. Kildare, nem Ben Casey fariam sucesso no submundo da saúde de São Paulo. “Eu deparava muito mais com problemas sociais do que com problemas médicos.”

Além da decepção com a medicina, outros três episódios infâmes e simultâneos devolveram-no para o mundo: uma dívida inexistente de US\$ 7 mil apresentada pelo BNH; uma ação coletiva ganha na Justiça, cujo valor foi desviado por um médico “muy amigo”; e a inexplicável ausência de um barqueiro de Ilha Grande, que não apareceu na data marcada, e, mesmo já tendo recebido o dinheiro, estragou um réveillon. “Senti que minha cidadania não valia nada. E fui embora”, recorda-se o *homeless* por opção.



EM 2010, AOS 53 ANOS, MANOEL SE TORNOU O BRASILEIRO MAIS VELHO A ALCANÇAR O CUME DO EVEREST

Era 1988 e Manoel Morgado iniciava suas andanças pelo mundo. Com US\$ 10 mil na mochila e a convicção de que não tinha interesse em países do primeiro mundo, despencou na Ásia. Já com o ímpeto que definiria sua trajetória, pedalou 3 mil quilômetros pelo Himalaia, estudou budismo em Dharamsala, fez um curso de guia de montanhas com sherpas no Nepal e apaixonou-se por Lioni, australiana que conheceria em Sumatra. Com ela foi a Sydney e, por oito meses, viveu de pequenos serviços, como lavar pratos ou fazer sanduíches em lanchonetes. No caminho de volta ao Brasil, sem perder o costume, aproveitou para pedalar na Nova Zelândia, na Polinésia Francesa, na Ilha de Páscoa e de Santiago a São Paulo, via Buenos Aires. Ainda em sua busca, voltaria a usar um estetoscópio por seis meses até tornar-se, enfim, um aventureiro profissional.

LIBERDADE COMO RELIGIÃO

Foi em 1992, quando um velho amigo de faculdade perguntou a Morgado se ele poderia organizar uma viagem ao Nepal para um grupo de nove pessoas. Desde então, com sócios, parceiros ou por conta própria tornou-se o que hoje, em suas palavras, o define: “um guia de montanhas”. Sua vida errante, por fim, ganhou certa organização temporal: seis meses conduzindo viajantes para diferentes partes do mundo e reunindo capital; outros seis meses realizando seus projetos pessoais e, quase sempre, queimando o capital reunido. Foi a própria natureza dessa nova vida que desenvolveu em Morgado um raro desapego às coisas materiais. Sem endereço fixo e quase sempre muito difícil de ser achado, Morgado carrega toda a sua vida em quatro mochilas. Nessa bagagem, estão as roupas e os apetrechos que leva para as viagens que tem na sequência – e isso varia de ano para ano. “De modo geral, são equipamentos de trekking e de escala técnica. Eventualmente, barraca e saco de dormir e, sempre, colchonete e fogareiro. Levo rádios e telefone por satélite.” Entre as roupas, Morgado explica que é como montar uma “mala normal”, só que para uma viagem que inclua “um pouco de cidade, muita montanha e talvez uns dias na praia”.

Seus projetos e aventuras, multidisciplinares, deram a ele a fama de homem sério de espírito livre. “Ele faz dessa liberdade uma religião particular”, comenta Ronaldo Ribeiro, editor da *National Geographic* brasileira. “Mesmo em um meio cheio de ciúmeiras, como o dos montanhistas, Morgado é tido como um cara muito seguro do que quer e dotado de extrema força mental.”

O caso das sete mulheres

Não é por ser volúvel que, aos 54 anos, Manoel Morgado está vivendo sua sétima experiência conjugal. O fato, ele mesmo admite, é que não há paixão que resista a uma vida errante e sem destino como a do ex-pediatra que, se tivesse seguido a carreira, teria sido um bom partido. A bem da verdade, as paixões até que resistem: quem não aguenta são as mulheres, que, mais ou menos aventureiras, conseguem acompanhá-lo apenas até determinado ponto.

Sua primeira esposa, Maria Antelma (Dedé para os íntimos), até teve uma relação longa com Morgado, entre 1978 e 1988, justamente o ano em que ele abandonou a medicina. Durou de 1990 a 1996 a união com a australiana Lioni, substituída, até 1999, pela antropóloga brasileira Cristina. De 2000 a 2004, a psicóloga Celina aguentou o tranco, mas acabou entregando os pontos (e o marido) para a professora de ioga Marley, com quem Morgado permaneceu mais dois anos. De 2006 a 2010, Morgado viveu com a radical guatemalteca Andrea. Ambos foram juntos ao Everest e, apenas seis dias após a conquista de Morgado, Andrea tornou-se a primeira centro-americana a chegar ao topo do mundo. A sétima companheira de Morgado chama-se Lisete e tem o perfil adequado: é professora de ioga e escaladora de rochas. Que vivam felizes para sempre.



“MORGADO
É MUITO
SEGURO E
DOTADO DE
EXTREMA
FORÇA
MENTAL”

MOUNTAIN
HARD
WEAR

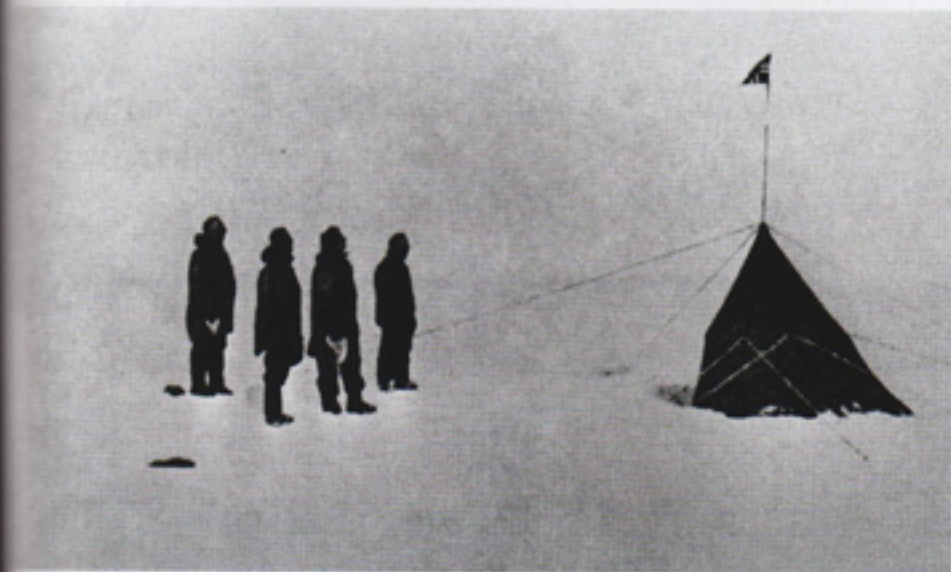


“TENTEI MORAR
EM GONÇALVES
MAS NÃO DEU
CERTO. GOSTO
MESMO É DE NÃ
TER CASA. ASSIM
NÃO PRECISO
DE NADA”

No rastro de Amundsen, cem anos depois

O plano já está traçado. No dia 19 de novembro deste ano, Manoel Morgado e seus companheiros Arivan Burda e Marcelo Santos vão fazer a homenagem mais radical a Roald Amundsen. Ele foi o primeiro a pôr o pé no polo sul - hasteou a bandeira norueguesa dia 14 de dezembro de 1911, deixando para trás o inglês Robert Scott, que morreria congelado na volta de sua expedição, na corrida de exploração mais dramática da história.

Sem o auxílio de cachorros, cada um dos integrantes da expedição de Manoel terá de puxar um trenó de 130 quilos, esquiando 20 quilômetros por dia entre a latitude 80,5 sul e o objetivo, mil quilômetros à frente. "Acho que a maior dificuldade será o teor psicológico. Serão 50 dias de esforço extremo, de avanço lento e paisagem monótona", avalia Morgado. A missão, orçada em US\$ 360 mil, será ligeiramente facilitada pelo uso de equipamentos de kitesurf para aproveitar a força dos ventos. Mas os obstáculos são imponderáveis: tempestades, frio, geleiras com fissuras ocultas, entre outros. Manoel jamais esteve nos polos, mas acredita que sua experiência com a neve e o gelo das altas montanhas será suficiente para que a missão seja cumprida. Mais detalhes sobre a expedição no site: www.brasilpolosul.com.br.



Também Eliseu Frechou, tido como um dos mestres em escalada de grandes paredes e proprietário de uma escola de montanhismo em São Bento do Sapucaí (SP), tem um grande respeito por Manoel Morgado: "É um montanhista único, que aprendeu muito vivendo no exterior".

Os programas vendidos por Manoel Morgado estão entre os mais radicais do mercado de aventuras. Ainda neste ano, ele levará grupos para o Nepal, para o Quirguistão, para o monte Elbrus, na Geórgia, para o Kilimanjaro, na Tanzânia, e para o deserto do Atacama, no Chile. "Não será nada fácil, mas será muito prazeroso", sempre garante o guia de montanha. Afirmção confirmada por viajantes de Morgado, como a fotógrafa Lily Sverner, participante de um grupo que visitou a Índia e o Nepal em 2005: "Não posso imaginar uma aproximação mais intensa e amorosa com a vida cotidiana e a espiritualidade dos lugares que visitamos", conta a viajante. "Viajar com Manoel é beber do conhecimento, da energia e da determinação de sua paixão pela descoberta de novas culturas", atesta Adriana Adler, consultora de sucessão e conflitos em empresas familiares.

APRECIAR SEM POSSUIR

As declarações de quem conhece ou conviveu com esse homem sem endereço vêm em tom de genuína admiração. A vida no Himalaia e a convivência com o budismo deram-lhe espiritualidade e desapego. Hoje, aos 54 anos, mas ainda em grande forma, ele próprio não sabe como, um dia, poderá abandonar a condição de morador do mundo. "Há alguns anos fiz uma tentativa de me estabelecer em Gonçalves, em Minas Gerais, mas não deu certo. Gosto mesmo é de não ter casa, porque assim não preciso de nada. É um aprendizado magnífico você olhar uma coisa bonita em algum lugar do mundo e saber apreciá-la sem desejar possuí-la", diz Morgado, sorridente, com os olhos postos, seguramente, na próxima missão. Que será ainda mais extrema do que as demais: conquistar o polo sul a pé, da costa da Antártica, sem ajuda de cachorros e sem provisões extras (leia ao lado). A intenção é celebrar os cem anos da histórica primeira viagem do norueguês Roald Amundsen ao mesmo lugar. Morgado tem tudo planejado: vai partir em 19 de novembro e caminhar 20 quilômetros por dia até chegar à meta em um percurso de mil quilômetros. Se tudo der certo, no dia 30 de janeiro de 2012 finalmente vai ficar fácil encontrar o homem sem endereço: ele estará à sua espera no polo sul. ■